

# Generosidade e sabedoria a serviço do cinema

Da academia à sala de edição, José Tavares de Barros deixa inúmeras contribuições para a sétima arte

O cinema e a cultura brasileira perderam um dos seus mais fiéis e apaixonados colaboradores, o professor José Tavares de Barros. Conhecido profundo da arte do audiovisual, Barros, que faleceu no dia 28 de janeiro, aos 73 anos, vítima de hemorragia cerebral, atuou nas mais diversas frentes, dirigindo e montando filmes, fazendo críticas, pesquisas, ajudando a implantar cursos em várias universidades brasileiras, inclusive na PUC Minas. Foi um incentivador do cine-clubismo, atuou como membro do Conselho de Administração da Embrafilme e dirigiu prestigiosas instituições, como o Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro, a Organização Católica Internacional de Cinema e do Audiovisual (Oci) para a América Latina, tendo ocupado, também, a vice-presidência mundial da entidade. Além de lamentar a perda do dedicado acadêmico e especialista na chamada sétima arte, companheiros de jornada – cineastas, professores e autoridades da Igreja – são unânimes em apontar a imensa falta que irão sentir da generosidade, cordialidade e sabedoria de José Tavares de Barros.

Carioca, de família mineira, Barros viveu até os 15 anos no Rio de Janeiro. Seu interesse pelo cinema veio da infância, quando recor-

tava gibis de Walt Disney, Batman ou Capitão América. “Com paciência artesanal, emendava os quadrinhos numa longa tira, enrolada em caixa de sapatos. Assumia a função de narrador. Valorizo até hoje a paciência dos meus familiares, forçados a prestigiar minhas sessões”, contou o professor em depoimento ao jornalista Marcelo Miranda, para o jornal *O Tempo*, publicado em 21 de março de 2008. Desenvolveu o hábito de assistir cinema nas matins dominicais do Cine

América, no bairro Tijuca.

Outras lembranças são relatadas pelo velho amigo e companheiro de várias empreitadas, o professor Miguel Serpa Pereira, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio e crítico de cinema de *O Globo* durante 19 anos. Pereira conheceu Barros na Itália, onde, em Verona e Milão, respectivamente, estudaram comunicação e cinema, em meados dos anos 1960. Começaria aí uma parceria duradoura, com vários

projetos ligados à comunicação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Juntos, participaram da organização e do júri do prêmio Margarida de Prata, criado pela Central Católica de Cinema, no âmbito do então Secretariado de Opinião Pública da CNBB, para avaliar filmes brasileiros que melhor representassem os critérios que instituíram o prêmio: a qualidade estética da obra e temáticas centradas sobre valores humanos, éticos e espirituais.

## Criadores de Imagens Cristãs

Com atuação relevante na comunicação ligada à Igreja, Barros passou a presidir a Oci e a vice-presidência mundial da entidade, nos anos 1980. Nesse período, teve oportunidade de coordenar cursos, seminários, *workshops* e produção de vídeos na busca da integração do cinema latino-americano. Dez anos depois, também em parceria com Miguel Pereira, organizou o projeto Criadores de Imagens Cristãs, que formava quadros para a produção de cinema engajado na temática social. Foi um trabalho de fôlego, que durou 21 anos, como recorda Pereira, que lamenta a morte do profissional e amigo: “Barros era um conhecedor profundo do projeto cinema, um crítico arguto, que atuou em todas as suas vertentes e teve uma grande importância

para esse segmento no Brasil. Para mim, foi uma imensa perda”.

Miguel Pereira ressalta que, além do cinema, a família era a outra grande paixão de Barros: o professor deixou quatro filhos, três netos e a esposa, Heliana Maria Soares de Barros, também professora da UFMG. “Viver com ele foi um grande privilégio. Agora é aprender a conviver com a saudade”, diz Heliana.

Ao lamentar o falecimento de Barros, o presidente da Comissão Episcopal para a Cultura, Educação e Comunicação Social da CNBB, Dom Orani João Tempesta, arcebispo de Belém do Pará, pontuou que o professor, com o qual conviveu seis anos, “era um sábio no campo das comunicações visuais”. “A cultura e a Igreja do Brasil devem muito ao Barros”, assi-

nalou o arcebispo, lembrando que ele, entre outras atividades, participava do Grupo de Reflexão da CNBB e de que foi do professor a ideia de compilar em um mesmo DVD os principais filmes ganhadores do Margarida de Prata.

### GENEROSIDADE

Tendo convivido e trabalhado com Barros desde o final dos anos 70, o cineasta Helvécio Rattón, além de reconhecer a sua competência técnica – ele montou vários curtas de Helvécio, como *Em Nome da Razão*, *Um Homem Público* – destaca a sua generosidade: “Seu amor pelo cinema tinha múltiplas facetas, como técnico, pesquisador, crítico, divulgador. E ele era muito generoso, repartindo esse conhecimento com todos. Aprendi muito com ele”.

Arquivo pessoal



Professor José Tavares de Barros: dedicação integral ao cinema

## Atuação marcante

Mestre em Filosofia, doutor em Literatura Comparada e pós-doutorado em cinema em Lyon, na França, Barros, que se mudou para Belo Horizonte na década de 1960, teve uma atuação marcante nas universidades em que trabalhou, como a PUC Minas e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na PUC, foi diretor de Ensino da Escola Superior de Cinema, extinta no início dos anos 70. Ex-aluno de Barros, o professor de Cinema da PUC Minas, Paulo Pereira, recorda que ele trouxe para a Escola de Belas Artes da UFMG a primeira moviola de Belo Horizonte. “Barros deu oportunidade a que muitas pessoas fizessem cinema. Essa generosidade foi especial nele”, diz Pereira.

O professor implantou o cinema também na UFMG e foi um dos idealizadores do mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes daquela universidade, como lembra o cineasta e professor aposentado José Américo Ribeiro. Parceiro de Barros em vários

filmes, Ribeiro recorda as primeiras mostras de cinema organizadas, em 1964, pelo professor, na Reitoria da UFMG. Nessa época, havia dois grupos antagonísticos em Belo Horizonte, o da Escola de Cinema e dos associados do Centro de Estudos Cinematográficos. “Com seus cursos, Barros conseguiu reunir esses grupos, o que revelava suas características mediadoras e conciliadoras”, assinala Ribeiro.

Documentarista premiado, referência nacional em preservação da memória de filmes, autor de centenas de críticas em algumas publicações, entre elas o *Jornal de Opinião*, veículo de comunicação da Arquidiocese de Belo Horizonte, apresentador do programa Sala de Cinema da TV Horizonte, diretor do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro: não houve caminho ligado à arte do audiovisual que não tenha sido trilhado por Barros. “Ele foi o mestre de todos nós”, conclui José Américo Ribeiro.